U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA

Suporte Social Como Moderador na Relação Entre Coparentalidade e Confiança Paterna

Rita de Sá Costa da Fonseca

M

2026

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

SUPORTE SOCIAL COMO MODERADOR NA RELAÇÃO ENTRE COPARENTALIDADE E CONFIANÇA PATERNA

Rita de Sá Costa da Fonseca

Outubro de 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Marisa Matias*** (FPCEUP) e coorientada pela Professora Doutora ***Eva Diniz*** (ISPA).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, o/a autor/a declara que recorreu a ferramentas de Inteligência Artificial durante o processo de elaboração deste trabalho. Em particular, utilizou-se ChatGPT para apoio na tradução e estruturação do texto. O recurso a estas ferramentas limitou-se aos usos descritos, mantendo-se as ideias, a análise, a interpretação dos resultados, a elaboração científica e a redação inicial da Dissertação integralmente da responsabilidade do/a autor/a.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Marisa Matias pelo acompanhamento presente e cuidadoso desde o primeiro dia. Obrigada por acolher as minhas ideias e inseguranças e por tornar este último ano, apesar do trabalho árduo, mais leve. Agradeço, de igual forma, à Professora Eva Diniz pelo seu auxílio à distância, pelo seu olhar atento e pela orientação detalhada. E ainda, à Dora, por ser sempre acessível e amável durante todo o processo.

Aos meus pais, por me apoiarem em qualquer decisão e ocasião. Por me ajudarem a tornar os meus sonhos realidade, sem nunca tirar os pés do chão. À minha prima Alice, por ser apoio constante, a minha caixinha de segredos e confidências, e por me dar forças todos os dias para ser a minha versão mais autêntica. À minha família por serem o meu porto seguro, especialmente nas fases mais difíceis.

Ao José Cunha, à Matilde e à Beatriz, por serem as melhores escolhas que fiz e por serem colo especialmente nestes últimos dois anos. Obrigada por serem um exemplo durante estes cinco anos, por tornarem a vida académica mais bonita, por me encorajarem a descobrir mais o meu potencial e mostrá-lo sem ter medo de ser quem sou.

À Catarina, à Maria João, à Maria Lourenço, à Mariana e à Matilde, obrigada por confiarem em mim. Obrigada por me deixarem pertencer um bocadinho mais de perto ao vosso mundo e por acreditarem em partes de mim que nem eu sabia que as tinha.

Às amigas que a FPCEUP me deu e que estiveram sempre lá quando eu precisava. Obrigada por se tornarem família, por me ouvirem em qualquer momento e por todas as conversas sinceras entre corredores ou áudios. À Mafalda e à Alice, por estarem presentes na minha vida mesmo apesar da distância e pela amizade continuar tão verdadeira como desde que nos conhecemos. Ao José Tomada, por todas as conversas existenciais e por me incentivar a nunca duvidar de quem eu sou. Ao Guilherme, por ser segurança e conforto, por acalmar a minha mente e por me ensinar que consigo fazer e ser mais do que acredito.

A 2021, por darem significado à cidade do Porto, ao traje e por darem cor à minha vida desde o momento que entrei na Faculdade.

À ATITUNA, por trazerem de volta a música à minha vida e por serem o escape dos meus problemas a todas as terças e quintas, atuações e convívios. Por me permitirem crescer enquanto pessoa a cada ano que passa e por trazerem pessoas para a minha vida que eu não sabia que precisava.

A todas estas pessoas, obrigada por estarem efetivamente presentes na minha vida, por aceitarem todas as minhas fases e acolherem todo o caos e toda a transformação ao longo destes anos juntos. Obrigada por fazerem destes cinco anos os melhores anos da minha vida.

Por fim, obrigada à Rita do passado por nunca ter desistido e por transformar os obstáculos e as dificuldades em oportunidades de crescimento e aprendizagem.

Resumo

O papel do pai permanece pouco investigado na literatura, apesar da sua importância na transição para a parentalidade. Compreender os fatores associados à confiança paterna poderá contribuir para uma melhor compreensão dos processos de adaptação à parentalidade e para o desenvolvimento de estratégias de apoio direcionadas aos pais. O presente estudo teve como objetivo examinar a relação entre a confiança paterna e a qualidade da relação coparental, bem como testar o efeito moderador do suporte social percebido nesta associação. Foram analisados dados de uma amostra de 103 pais no período dos três meses pós-parto. Os participantes completaram um questionário onde se avaliou a qualidade da relação coparental, os níveis de confiança parental e o tipo e qualidade de suporte social percebido. A análise de regressão revelou uma associação positiva entre a qualidade da relação coparental e a confiança paterna. Já a análise de moderação não evidenciou efeito moderador do suporte social global. Contudo, nas análises complementares, observou-se um efeito moderador da dimensão de suporte social obtido de "outros significativos". Este estudo reforça a relevância da qualidade da relação coparental para a confiança paterna e sugere que fontes específicas de suporte social podem ter diferentes impactos no desenvolvimento da confiança paterna.

Palavras-chave: confiança paterna; coparentalidade; suporte social; transição para a parentalidade; pais; paternidade.

Abstract

The role of the father remains under-researched in the literature, despite its importance during the transition to parenthood. Understanding the factors associated with paternal confidence could contribute to a better understanding of the processes of adaptation to parenthood and to the development of support strategies aimed at fathers. This study aimed to examine the relationship between paternal confidence and the quality of the coparenting relationship, as well as to test the moderating effect of perceived social support on this association. Data from a sample of 103 fathers during the three-month postpartum period were analyzed. Participants completed a questionnaire assessing coparenting relationship quality, levels of paternal confidence, and the type and quality of perceived social support. The regression analysis revealed a positive association between coparenting relationship quality and paternal confidence. However, the moderation analysis did not show a moderating effect of overall social support. Nevertheless, in the supplementary analyses, a moderating effect was observed for the dimension of social support received from "significant others." This study reinforces the relevance of coparenting relationship quality for paternal confidence and suggests that specific sources of social support may have varying impacts on the development of paternal confidence.

Keywords: paternal confidence; coparenting; social support; transition to parenthood; fathers; paternity.

Índice

Introdução 1
Confiança Paterna 3
Coparentalidade na Experiência da Paternidade 4
O Papel do Suporte Social na Transição para a Parentalidade 6
Estudo Atual 8
Método 9
Procedimentos de Recolha de Dados e Caracterização da Amostra 10
Instrumentos 11
Questões Sociodemográficas 11
Questionário de Confiança Parental 11
Escala da Relação Coparental 11
Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido 12
Análise de Dados 12
Resultados 13
Análises Preliminares 13
Análise de Moderação 14
Análises Adicionais – Subescalas de Suporte 14
Discussão 16
Contributos, Limitações e Estudos Futuros 19
Referências 22
Anexos 31
Anexo 1 31

Introdução

A transição para a parentalidade constitui uma das fases mais significativas e desafiantes da vida adulta, implicando mudanças profundas para os pais, para a relação conjugal e para o desenvolvimento infantil (Cowan & Cowan, 1995; Riggs et al., 2018). O nascimento de um filho desencadeia uma transformação marcante no ciclo de vida familiar, implicando uma reorganização dos papéis conjugais e dos padrões de interação à medida que o sistema familiar evolui de uma díade para uma tríade (Cowan & Cowan, 1995; Riggs et al., 2018). Este período é frequentemente marcado por exigências acrescidas, stress e sentimentos de insegurança, especialmente no que diz respeito à partilha dos cuidados, às responsabilidades sobre a criança e à tomada de decisões (Feinberg, 2002; Schmidt et al., 2019).

Neste contexto de reorganização, a confiança parental desenvolve-se, consolida-se e assume um papel central na adaptação ao exercício da parentalidade e às exigências que dela advêm. A confiança parental corresponde à avaliação que os pais fazem sobre a sua própria capacidade de prestar cuidados, compreender o seu bebé e desempenhar eficazmente as suas responsabilidades parentais (Schuengel & Oosterman, 2019; Nazaré et al., 2013). Embora constitua uma avaliação subjetiva, esta perceção de competência tem sido associada a um ajustamento mais positivo ao papel parental (Donithen & Schoppe-Sullivan, 2022; Nazaré et al., 2013). De acordo com Bandura (1997), os pais que se sentem mais confiantes no seu papel parental tendem a persistir perante as exigências da criação dos filhos e a experienciar maior realização e satisfação no exercício da parentalidade. De igual modo, pais com maior perceção de confiança e satisfação no seu papel parental adotavam mais comportamentos parentais positivos, como afeto, responsividade e envolvimento (de Haan et al., 2009).

Embora a parentalidade envolva ambos os progenitores, persiste uma lacuna no conhecimento sobre o papel e as experiências paternas, sobretudo nas fases iniciais da transição para a parentalidade (Cabrera et al., 2018; Christie et al., 2008; Nyström & Öhrling, 2004). Estudos têm demonstrado que homens e mulheres se preparam de forma diferente para a parentalidade, nomeadamente no que respeita aos papéis de cuidado, o que evidencia a importância de aprofundar o conhecimento sobre a transição para a parentalidade, com particular foco na paternidade (Bailey, 2018; Rominov et al., 2016). Este período inicial assume particular relevância para o desenvolvimento da confiança parental, uma vez que o envolvimento do pai nos primeiros meses após o nascimento do bebé tem sido associado a maior autoeficácia paterna em fases posteriores, evidenciando que a participação do pai nos

cuidados contribui para a construção e consolidação da confiança paterna (Trahan, 2018; Tremblay & Pierce, 2011).

Adicionalmente, durante este período, os pais são confrontados com diversas exigências emocionais, relacionais e laborais, que podem influenciar a dinâmica familiar e o processo de adaptação ao novo papel parental (Refaeli et al., 2024). A adaptação dos homens à paternidade é, assim, influenciada por diversos fatores interligados, entre os quais se destacam o contexto social e profissional em que estão inseridos, as suas características pessoais, a qualidade da relação com a parceira e a disponibilidade de recursos de apoio (Genesoni & Tallandini, 2009).

Perante os desafios associados ao papel de pai, a disponibilidade de recursos relacionais pode assumir particular relevância, uma vez que parecem favorecer uma adaptação mais positiva à parentalidade (Fierloos et al., 2023; Tremblay & Pierce, 2011). Neste sentido, a qualidade das relações estabelecidas ao longo da transição para a parentalidade demonstra ser uma dimensão importante para o desenvolvimento da confiança no exercício da paternidade.

Deste modo, a relação de coparentalidade e o suporte social surgem como fatores particularmente relevantes, uma vez que podem influenciar o desenvolvimento da confiança parental e facilitar a transição para o papel de pai. A literatura evidencia a importância da qualidade da relação coparental nos primeiros meses de vida do bebé, tanto ao nível do ajustamento conjugal como do desenvolvimento familiar e infantil em fases posteriores (Gadoni-Costa et al., 2015; Schmidt et al., 2019). Além disso, perceções mais positivas da coparentalidade, na perspetiva do pai, têm sido associadas a uma maior autoeficácia parental, reforçando a importância desta variável na adaptação paterna (Donithen & Schoppe-Sullivan, 2022; Latham et al., 2018). O suporte social contribui para o bem-estar psicológico e fortalece o sentido de competência, favorecendo uma adaptação mais positiva ao papel parental (Refaeli et al., 2024). A literatura tem igualmente evidenciado associações entre suporte social percebido e autoeficácia parental, sugerindo que os pais que percecionam maiores níveis de apoio tendem a experienciar menos stress e a sentir maior confiança no seu papel parental (Angley et al., 2014; Fang et al., 2021; Fierloos et al., 2023).

A transição para a parentalidade constitui, portanto, um período significativamente desafiante para os novos pais, no qual a confiança parental emerge como um elemento central para uma adaptação positiva às exigências do novo papel. Considerando que a experiência da parentalidade é fortemente moldada pelos contextos relacionais e sociais em que os pais estão inseridos, torna-se pertinente integrar dimensões como o apoio social e a coparentalidade na compreensão deste fenómeno. Apesar dos progressos observados na investigação, subsistem lacunas relevantes no conhecimento acerca da confiança parental e dos fatores que lhe estão

associados, especialmente no que concerne à experiência paterna durante os primeiros meses após o nascimento do bebé.

Confiança Paterna

A confiança parental é frequentemente operacionalizada como autoeficácia parental ou competência parental percebida, apesar das diferenças conceptuais entre estes construtos. Na literatura ainda existe uma sobreposição significativa das definições e operacionalizações destes conceitos, bem como uma inconsistência na sua utilização (Wittkowski et al., 2017). No presente estudo, adota-se o conceito de confiança paterna, de maneira a seguir o racional do Questionário de Confiança Parental (QCP), apesar de Wittkowski et al. (2017) sugerirem que a designação mais adequada para o título fosse "autoeficácia parental".

A confiança parental desenvolve-se, modifica-se e consolida-se ao longo da transição para a parentalidade. As crenças de autoeficácia são moldadas por fatores pessoais, ambientais e comportamentais, que incluem a perceção das próprias capacidades, a observação de comportamentos dos outros, a resposta à persuasão social, bem como o seu estado fisiológico e psicológico (Bandura, 1997; Bandura & Adams, 1977). Assim, a perceção de sucesso nos próprios comportamentos, a receção de feedback positivo e bem-estar emocional poderão contribuir para o fortalecimento da confiança parental na adaptação à parentalidade. Além disso, o modelo de determinantes da parentalidade de Belsky (1984) sugere que a parentalidade é influenciada pelas origens ontogénicas e recursos psicológicos pessoais dos pais, pelas características de individualidade da criança e pelas fontes contextuais de *stress* e de apoio. Ao integrar estas perspetivas, o estudo da confiança parental deverá ir além das características pessoais dos pais, incluindo, de igual forma, o contexto relacional e contextual em que vivenciam a parentalidade.

A confiança é especialmente relevante no período pós-parto inicial, uma vez que os pais enfrentam novos desafios e responsabilidades, assim como desenvolvem as competências necessárias para dar resposta a estas dificuldades (Schuengel & Oosterman, 2019). A literatura revela que existe uma evolução da autoeficácia desde a gravidez até aos primeiros meses após o nascimento, demonstrando o desenvolvimento essencial da confiança neste período (Pinto et al., 2016).

Além disso, a confiança parental tem sido identificada na literatura como um facilitador da adaptação à parentalidade. Pais com níveis mais elevados de autoeficácia/confiança estão associados positivamente a um maior envolvimento paterno e a um melhor ajustamento parental

(Rominov et al., 2016; Traham, 2018). Especificamente nos pais, descobriu-se que a confiança paterna no período pós-natal prediz um maior envolvimento parental em fases seguintes, o que sugere que esta variável é importante não só para o desenvolvimento, mas também para a consolidação do papel parental (Rominov et al., 2016).

No contexto português, mães apresentaram níveis superiores de autoeficácia parental, comparativamente aos homens, sendo possível a existência de diferenças de género na perceção de competência parental (Ferreira et al., 2014). Assim, é evidente a importância de estudar com mais profundidade a confiança paterna, uma vez que a experiência da transição para a parentalidade pode ser experienciada de formas distintas por pais e mães, com necessidades específicas.

Entre os fatores e as fontes contextuais salientados por Bandura (1997) e Belsky (1984), a coparentalidade e o apoio social assumem uma importância especial na compreensão da confiança parental. A qualidade da relação coparental poderá contribuir para o desenvolvimento da confiança paterna mediante feedback por parte da parceira acerca do desempenho do pai e apoio na dinâmica coparental. Do mesmo modo, o suporte social poderá facilitar a adaptação à parentalidade através do apoio emocional ou instrumental recebido e de experiências vicariantes, contribuindo para a aquisição e consolidação de competências parentais. Desta forma, para compreender integralmente os processos associados à confiança paterna, o presente estudo irá incluir como variáveis a qualidade da relação coparental e o suporte social percebido.

Coparentalidade na Experiência da Paternidade

Embora não exista consenso na sua definição, a relação de coparentalidade pode ser descrita como uma relação diádica de cooperação e reciprocidade entre os pais na educação, formação e tomada de decisões relativas à vida da criança (Feinberg, 2003; Lamela et al., 2018). Esta relação começa a construir-se quando os cuidadores primários da criança assumem conjuntamente a responsabilidade de cuidar e zelar pelo seu bem-estar, constituindo um processo central na construção da parentalidade (Feinberg, 2003; Van Egeren & Hawkins, 2004). Neste sentido, a coparentalidade começa a formar-se ainda durante a gravidez, quando os pais desenvolvem representações de si mesmos como casal parental (Altenburger et al., 2014; Favez et al., 2013). Quando esta relação é pautada pela partilha das responsabilidades parentais e pelo apoio mútuo, ambos beneficiam dos aspetos positivos da parentalidade, como o fortalecimento do vínculo entre os pais e a criança e o aumento da confiança no seu papel enquanto pai ou mãe (McClain & Brown, 2017). Pelo contrário, uma relação coparental

caracterizada por discordância nas práticas parentais entre o casal pode levar a uma pior qualidade conjugal, pior saúde mental e menor envolvimento paterno (McClain & Brown, 2017; Solmeyer & Feinberg, 2011).

A construção da relação coparental é particularmente sensível a mudanças no período inicial de transição para a parentalidade, uma vez que é marcado pela adaptação a novas dinâmicas e novos papéis familiares (Feinberg, 2003; Feinberg et al., 2016). A literatura evidencia que os primeiros meses pós-parto são especialmente influenciados por fatores ambientais, incluindo o apoio coparental. As dinâmicas e papéis coparentais, construídos essencialmente após o nascimento do bebé, influenciam o desenvolvimento da autoeficácia parental e a adaptação às práticas de cuidado (Abbass-Dick et al., 2015; Pinto et al., 2016). Assim, neste período, relações coparentais positivas podem constituir um recurso importante para ajudar os pais a lidar com os desafios inerentes à parentalidade, favorecendo a confiança no seu papel enquanto pai (Pinto et al., 2016; Donithen & Schoppe-Sullivan, 2022). Deste modo, a promoção da qualidade da relação coparental em fases iniciais da parentalidade, poderá contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento da confiança parental, contribuindo para uma adaptação mais positiva da paternidade.

O modelo ecológico de Feinberg (2003) conceptualiza a coparentalidade em quatro dimensões inter-relacionadas: acordo nas práticas parentais, divisão do trabalho relacionado com a criança, suporte/sabotagem do papel coparental e gestão conjunta das relações familiares. A abordagem ecológica deste modelo destaca-se por integrar fatores individuais, relacionais e contextuais, reconhecendo que a coparentalidade emerge da interação dinâmica entre características dos pais, da criança e das relações familiares. Assim, a qualidade da coparentalidade resulta da interdependência das quatro componentes da coparentalidade, cujo tipo, grau e intensidade de articulação origina diferentes padrões de colaboração e coordenação entre as famílias (Feinberg, 2003). O peso de cada dimensão da coparentalidade varia, portanto, de acordo com as características de cada díade coparental, de cada um dos progenitores e do seu contexto de desenvolvimento (Feinberg, 2003).

No caso dos homens, a qualidade da coparentalidade torna-se essencial. Relações caracterizadas por cooperação e apoio estão associadas a um maior envolvimento paterno, relações pai-filho de melhor qualidade e menor stress parental, sugerindo que relações com maior qualidade de interações coparentais permitem que os pais se tornem agentes ativos e confiantes na sua adaptação ao papel de cuidadores (Brown et al., 2010; Fagan & Lee, 2014; Schoppe-Sullivan et al., 2008). Por outro lado, quando as interações coparentais incluem crítica ou desvalorização, estes podem sentir-se inibidos, menos competentes e menos envolvidos,

prejudicando a adaptação ao papel parental e diminuindo a autoeficácia (Schoppe-Sullivan et al., 2016; Tavares, 2025). Homens que relatam maior qualidade das suas relações coparentais, marcadas por validação e coordenação com a parceira, são mais propensos a apresentar níveis mais elevados de autoeficácia parental desde o início da gravidez, evidenciando a confiança paterna como um processo psicológico importante que contribui para uma melhor adaptação à parentalidade (Pinto et al., 2016). Concordante com estas evidências, Schoppe-Sullivan et al. (2016) constataram que este tipo de dinâmica funciona como uma fonte de segurança psicológica para os pais, o que facilita a sua adaptação à paternidade e a confiança parental.

Apesar da relevância da coparentalidade na transição para a parentalidade, a literatura continua a oferecer uma compreensão mais limitada sobre o modo como a qualidade das interações coparentais se relaciona com a confiança paterna, principalmente nos primeiros meses após o nascimento. Deste modo, o estudo desta relação revela-se particularmente relevante e inovador, uma vez que contribui para uma leitura mais completa dos fatores que influenciam a adaptação do pai ao seu papel parental.

O Papel do Suporte Social na Transição para a Parentalidade

O suporte social é um construto multidimensional, geralmente entendido como a disponibilização de recursos emocionais, instrumentais e informacionais por parte de outras pessoas, com o objetivo de promover o bem-estar do recetor, neste caso, os progenitores (Carvalho et al., 2011; Zheng & Gao, 2023). Este conceito engloba o suporte recebido, ou seja, o auxílio efetivamente prestado, e o suporte percebido, isto é, a crença de que existe apoio disponível em caso de necessidade (Ali ban maan et al., 2025; Carvalho et al., 2011). O suporte percebido tem sido considerado o mais relevante, uma vez que apresenta uma associação positiva mais consistente com o ajustamento psicológico, a qualidade de vida e a satisfação com a vida, revelando-se um melhor preditor do bem-estar e da saúde mental (Ali ban maan et al., 2025; Carvalho et al., 2011; Melrose et al., 2015).

As fontes de suporte social podem ainda ser classificadas em formais e informais. O suporte formal inclui profissionais e organizações sociais, como serviços de saúde e técnicos especializados, enquanto o suporte informal abrange familiares, amigos, parceiros e outras pessoas significativas, bem como associações comunitárias (Carvalho et al., 2011). No contexto da parentalidade, o suporte social informal assume particular relevância, porque constitui frequentemente a principal rede de apoio disponível no quotidiano, fornecendo recursos para lidar com os desafios da vida e contribuindo, assim, para uma melhor saúde mental dos pais

(Garbarino, 2017; Manuel et al., 2012). Na fase da transição, o suporte social é então um facilitador e um fator protetor essencial, ajudando os pais a lidar com o stress, a adaptar-se às mudanças e às dificuldades da parentalidade (Haojie et al., 2024; Yang et al., 2020; Zheng & Gao, 2023). Neste sentido, quando os pais se sentem apoiados, tendem a estar mais bem preparados para enfrentar as exigências da criação dos filhos e a vivenciar uma maior confiança no papel parental (Fang et al., 2021; Solmeyer & Feinberg, 2011).

No caso dos homens, o suporte social tem sido evidenciado como um recurso importante para o ajustamento paterno, sobretudo nesta etapa. Intervenções baseadas em redes de suporte estruturadas têm demonstrado melhorias na autoeficácia parental e na satisfação com a parentalidade durante a transição para a paternidade, sugerindo também que, quanto mais suporte social os pais recebem de outras pessoas, para além da parceira, mais facilmente se adaptam ao papel paterno (Fletcher & StGeorge, 2011; Hudson et al., 2003). Assim, ao fornecer incentivo, recursos e suporte emocional, as redes de apoio podem reforçar a competência no desempenho do papel parental (Yang et al., 2020; Zheng et al., 2018). De forma convergente, a literatura tem demonstrado que a perceção paterna de suporte e a autoeficácia parental apresentam associações positivas, reforçando a ideia de que o suporte social constitui um preditor fundamental da confiança paterna (de Montigny et al., 2012; Fierloos et al., 2023; Yang et al., 2020). Adicionalmente, os pais valorizam particularmente fontes informais de suporte como familiares, amigos e recursos online, em vez de recorrer a suporte formal e serviços profissionais, os quais facilitam a transição para a paternidade, sobretudo no que concerne à coparentalidade e aos marcos do desenvolvimento infantil (Lee et al., 2013; Rominov et al., 2018).

Apesar da importância deste tipo de suporte, a literatura tem mostrado que os homens tendem a apresentar redes sociais menos extensas e menos solidárias do que as das mulheres, podendo sentir maior isolamento e menor perceção de apoio (Fierloos et al., 2022; Levy & Kotelchuck, 2021). Além disso, a revisão sistemática de Baldwin et al. (2018) revela que as principais barreiras ao acesso a apoio adequado para os pais se relacionam com a escassez de recursos especificamente dirigidos aos homens durante a transição para a paternidade. A necessidade de perceção de disponibilidade de redes de suporte torna-se principalmente evidente no período pós-natal, em que muitos pais relatam dificuldades de adaptação ao novo papel, menor tempo para estabelecer o vínculo com o bebé e uma perceção de menor competência no cuidado infantil quando comparados com a mãe (Genesoni & Tallandini, 2009). A ausência ou insuficiência de apoio social percebido constitui, assim, um fator de risco

para vulnerabilidade psicológica, menor bem-estar e menor confiança paterna (Ansari et al., 2021; Schobinger et al., 2022).

Embora a literatura tenha evidenciado associações entre o suporte social e a confiança parental, é ainda escassa a informação sobre o papel moderador do suporte em relações como a que se estabelece entre a relação coparental e a confiança. Como referido anteriormente, as experiências vicariantes e a persuasão social, entre outros fatores, influenciam a perceção de autoeficácia (Bandura, 1977). Neste sentido, para além do contexto coparental, o suporte social poderá aumentar a perceção de confiança dos pais através de persuasão verbal, como o encorajamento, ou observar comportamentos parentais positivos por parte de membros do grupo social em que se inserem (Bandura, 1977; Cutorna & Troutman, 1986). Assim, o suporte social poderá constituir um recurso relevante, especialmente quando a qualidade da relação coparental é menor e, consequentemente, há menos apoio e validação por parte da parceira, atenuando o impacto potencialmente negativo da baixa qualidade da coparentalidade e preservando as perceções positivas acerca das suas capacidades no papel paterno.

Deste modo, o foco na influência do suporte social para além do apoio conjugal contribui para uma literatura mais integrada sobre a experiência paterna, permitindo compreender de forma mais alargada os fatores que influenciam o desenvolvimento da confiança paterna e, consequentemente, o ajustamento do pai ao seu papel parental.

Estudo Atual

O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre a coparentalidade e a confiança paterna, bem como o papel moderador do suporte social nesta associação, numa amostra de pais aos três meses pós-parto. O suporte social será abordado como suporte social informal percebido, ou seja, o suporte proveniente de família, amigos e outros significativos, em resposta a acontecimentos ou dificuldades de vida (Carvalho et al., 2011), uma vez que os pais tendem a valorizar particularmente estas fontes informais de suporte (Rominov et al., 2018).

O período dos três meses pós-parto destaca-se como um momento crítico na parentalidade, especialmente para os pais que enfrentam novas exigências na conciliação entre a vida familiar e profissional, enquanto continuam a adaptar-se ao papel paterno (Donithen & Schoppe-Sullivan, 2022; Refaeli et al., 2024). A avaliação deste período permite analisar, numa fase precoce da transição para a parentalidade, fatores associados à adaptação paterna e à confiança no papel de pai. Além disso, o estudo destes fatores numa fase inicial poderá

contribuir para uma compreensão mais completa dos processos envolvidos na adaptação à parentalidade e para a identificação de recursos que favorecem um ajustamento paterno mais positivo.

De acordo com a revisão bibliográfica realizada, relações de coparentalidade com maior qualidade, caracterizadas por apoio, cooperação e validação, estão associadas a uma melhor adaptação à parentalidade e a um maior envolvimento paterno (Brown et al., 2010; Fagan & Lee, 2014; Pinto et al., 2016). Além disso, pais com perceções mais positivas da coparentalidade apresentam níveis mais elevados de autoeficácia parental, sugerindo que a qualidade da relação com a parceira pode constituir um fator relevante para a adaptação ao papel paterno e para o desenvolvimento da confiança paterna (Donithen & Schoppe-Sullivan, 2022; Pinto et al., 2016).

Deste modo, uma vez que uma maior qualidade da coparentalidade proporciona uma melhor adaptação ao papel paterno e níveis mais elevados de competência e autoeficácia, nesse estudo espera-se que:

Hipótese 1: Quanto maior for a qualidade da relação coparental, maior será a perceção de confiança paterna.

O suporte social tem sido identificado como outro recurso importante na transição para a parentalidade. Assim espera-se que níveis mais elevados de suporte social possam atenuar os efeitos negativos de uma baixa qualidade da coparentalidade sobre a confiança paterna, colocando-se a seguinte hipótese:

Hipótese 2: O suporte social modera a associação entre a qualidade da coparentalidade e a confiança paterna, de modo que pais com menor qualidade coparental e níveis elevados de suporte social apresentam níveis de confiança paterna superiores aos de pais com menor qualidade coparental e baixo suporte.

Método

O presente estudo está englobado no projeto de doutoramento, "Compreendendo o *stress* parental na transição para a parentalidade", em curso no ISPA, o qual foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (ver Anexo 1). Este projeto, de caráter longitudinal, tem como objetivo expandir o conhecimento sobre a vivência de homens e de mulheres com a chegada de um novo bebé,

desde a gravidez até aos 9 meses pós-parto, bem como a influência de aspetos pessoais, relacionais e contextuais no *stress* parental durante este período.

Procedimentos de Recolha de Dados e Caracterização da Amostra

Os dados da primeira fase do projeto, do período da gravidez, foram recolhidos em hospitais públicos e em clínicas privadas no Porto, em Lisboa, em Leiria e em Guimarães, entre 2024 e 2026. A recolha foi feita, tanto de forma presencial como online com distribuição de questionários, juntamente de um *flyer* do qual constavam os objetivos e a relevância do estudo, bem como a informação de atribuição de incentivo (voucher) pela participação. No que concerne à recolha presencial, os questionários eram preenchidos em papel e, na recolha online, eram preenchidos através de um link da plataforma *Qualtrics*, disponibilizado tanto em sessões de preparação para o parto, em articulação com as instituições de saúde, como no código QR apresentado no *flyer* do projeto. Para participar na recolha de dados não era obrigatória a participação de ambos os progenitores.

Os pais que consentiram participar nas fases seguintes do estudo, foram novamente contactados (via email ou *WhatsApp*, conforme a preferência manifestada) aquando dos 3 meses do bebé. Nesse contacto, era disponibilizado um link para a plataforma *Qualtrics* onde se encontrava o questionário desta segunda fase do projeto.

Como critérios de inclusão iniciais no estudo, os participantes deveriam ser casais adultos a viver juntos, falar português, estar no 2º ou 3º trimestre da gravidez e ser pais biológicos da criança. Para o presente estudo, aos critérios de inclusão já existentes, foram acrescidos a ausência de diagnóstico psiquiátrico ou psicológico e a participação exclusiva de homens.

Através de uma amostragem não probabilística, de um total de 119 participantes homens, foram excluídos 12 com dados omissos em mais de 50% do questionário, bem como, quatro por incumprimento dos critérios de inclusão (diagnóstico psiquiátrico/psicológico).

A amostra foi, então, composta por 103 indivíduos com idades compreendidas entre os 26 e 49 anos (M = 35.5, SD = 5.40). A escolaridade dos participantes variou entre o ensino secundário e o mestrado, sendo que 32.6% completaram o ensino secundário, 37.6% a licenciatura e 29.1% o mestrado. No que diz respeito à primiparidade, 72.1% dos sujeitos relataram ser pais pela primeira vez e 27.9% não. Por fim, 14.6% dos pais encontravam-se, no momento de preenchimento do questionário, em licença de parentalidade, enquanto os restantes 85.4% não se encontravam nessa situação.

Instrumentos

Questões Sociodemográficas

Do questionário geral desenvolvido no âmbito do projeto, constaram questões de caráter sociodemográfico, tendo sido analisadas para caracterização da amostra, nomeadamente idade, escolaridade, primiparidade, diagnóstico psiquiátrico/psicológico, licença de parentalidade.

Questionário de Confiança Parental

A confiança paterna foi avaliada através do Questionário de Confiança Parental (QCP), no original Maternal Confidence Questionnaire (Badr, 2005), adaptado para a língua portuguesa por Nazaré et al. (2011). O QCP é um questionário de auto resposta que engloba 13 itens organizados em três fatores: conhecimento acerca do bebé (e.g. "Eu sei quando o meu bebé quer que brinque com ele."), prestação aos cuidados ao bebé (e.g. "Eu sou capaz de dar banho ao meu bebé.") e avaliação da experiência de parentalidade (e.g. "Eu seria bom a ajudar outros pais a aprender a cuidar dos seus bebés."), que podem ser agregados num score único de confiança parental. Estes itens respondem-se com base numa escala de frequência de tipo Likert, entre 1 (Nunca) a 5 (Sempre), sendo que pontuações superiores correspondem a níveis mais elevados de confiança parental.

Para a amostra deste estudo, o conjunto de todos os itens do QCP apresentou uma boa consistência interna ($\alpha = .81$; $\omega = .81$).

Escala da Relação Coparental

A avaliação da coparentalidade foi feita através da medida breve da Escala da Relação Coparental (ERC) de Feinberg et al. (2012). A medida breve da ERC mede a qualidade da coparentalidade através de 14 itens, dos 35 itens da escala original do mesmo autor, e encontra-se organizada em 7 subescalas: acordo na coparentalidade (e.g. "A mãe do bebé e eu temos as mesmas metas para nosso filho."), proximidade na coparentalidade (e.g. "Estamos a crescer e a amadurecer juntos através das nossas experiências como pais."), exposição ao conflito (e.g. "Numa semana típica, quando estão os três juntos, quantas vezes: Discutem o vosso relacionamento ou questões conjugais não relacionadas ao vosso filho, na presença dele?"), suporte na coparentalidade (e.g. "A mãe do bebé faz-me sentir como se eu fosse a melhor pai possível para nosso filho."), sabotagem na coparentalidade (e.g. "A mãe do bebé tenta mostrar que ela cuida do nosso filho melhor do que eu."), reconhecimento da coparentalidade do parceiro (e.g. "Eu acredito que a mãe do meu bebé é uma boa mãe.") e divisão de tarefas (e.g.

"A mãe do bebé gosta de brincar com nosso filho e deixa para mim o trabalho pesado."). Este questionário é classificado como uma escala tipo Likert, de 0 (Não é verdadeiro sobre nós) a 6 (Muito verdadeiro sobre nós), sendo que valores elevados do score total e das subescalas individuais, com exceção das escalas de exposição ao conflito e de sabotagem, indicam uma coparentalidade mais positiva.

As sete subescalas podem ser agregadas num score único de coparentalidade, que neste estudo evidenciou uma boa consistência interna (α = .82; ω = .81).

Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido

O suporte social percebido foi medido através da Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (Multidimensional Scale of Perceived Social Support - MSPSS), originalmente desenvolvida por Zimet et al. (1988) e adaptada para a população portuguesa por Carvalho et al. (2011). A MSPSS foi selecionada para medir este construto uma vez que avalia a perceção subjetiva de suporte social proveniente de variadas fontes, nomeadamente, da família, dos amigos e de outros significativos.

Esta escala compreende 12 itens divididos em 3 subescalas: família (e.g. "A minha família tenta ajudar-me verdadeiramente.", α = .90; ω = .90), amigos (e.g. "Posso contar com os meus amigos quando algo corre mal.", α = .93; ω = .93) e outros significativos (e.g. "Há uma pessoa especial que se encontra próximo quando necessito.", α = .92; ω = .93), podendo ser agrupadas num score total de suporte social percebido (α = .93; ω = .92). Cada item é cotado numa escala de resposta tipo Likert entre 1 (Discorda completamente) e 7 (Concorda completamente), sendo que pontuações mais elevadas indicam níveis mais altos de suporte social percebido.

Análise de Dados

A análise estatística dos dados foi efetuada através da utilização do SPSS IBM (versão 30). Inicialmente, foram recodificados os itens invertidos e, de seguida, calculada a média dos itens de cada escala e de cada subescala, originando scores totais para a confiança paterna, a qualidade da coparentalidade, o suporte social e as respetivas subescalas. De seguida, procedeu-se à análise da distribuição das variáveis de interesse, avaliando a normalidade com base nos indicadores de assimetria e curtose, bem como à verificação de outliers. Foram realizadas análises de correlações e uma análise de regressão linear com moderação para a testagem de hipóteses. A análise de moderação foi elaborada através da utilização da Macro PROCESS v5.0

para SPSS (Hayes, 2022), na qual se utilizou o modelo 1, que corresponde a uma regressão linear com interação simples entre uma variável preditora e uma variável moderadora na previsão de uma variável dependente. Os pressupostos das análises de regressão e moderação, nomeadamente linearidade, homocedasticidade, outliers, normalidade dos resíduos, independência dos erros e multicolinearidade foram verificados.

Resultados

Análises Preliminares

Inicialmente, os dados das variáveis de estudo foram analisados de forma descritiva, de maneira a verificar a sua normalidade e avaliar a presença de dados omissos, irregularidades e outliers significativos. A distribuição das variáveis foi examinada através dos indicadores de assimetria e curtose, apresentando normalidade adequada (Tabela 1).

Tabela 1

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo

Variável	N	M	DP	Assimetria	Curtose
Confiança paterna	103	4.00	0.43	-0.60	0.73
Qualidade da coparentalidade	103	6.07	0.72	-0.71	-0.36
Suporte social total	103	5.64	1.05	-0.78	0.16

Nota. M = média; DP = desvio padrão.

De seguida, foram feitas análises de correlação para explorar as associações entre as principais variáveis do estudo (Tabela 2). As variáveis apresentaram correlações positivas e estatisticamente significativas entre si, sendo que, tanto a relação entre a confiança paterna e a qualidade da coparentalidade, $r(101) = .39$, $p < .001$, como a relação entre a confiança paterna e o suporte social total, $r(101) = .36$, $p < .001$, apresentam correlações moderadas.

Tabela 2

Análises correlacionais entre as variáveis centrais do estudo (N = 103).

Variável	1	2	3
1. Confiança paterna			
2. Qualidade da coparentalidade	.39*		
3. Suporte social total	.36**	.55**	

Nota. *correlação significativa com valores de $p < .05$, ** correlação significativa com valores de $p < .001$.

Análise de Moderação

Foi efetuada uma análise de moderação com o objetivo de testar o efeito moderador do Suporte Social Total, na relação entre a qualidade da coparentalidade e a confiança paterna. Os resultados indicam que o modelo global é significativo ($F(3,99) = 7.25$, $p < .001$) e apresenta uma variância explicada de 18% ($R^2 = .18$). Foi encontrado um efeito principal da qualidade da coparentalidade sobre a confiança paterna ($B = 0.17$, $SE = .07$, $p = .02$), indicando que níveis mais elevados da qualidade da coparentalidade estão associados com níveis mais elevados de confiança paterna. No entanto, não foi identificado um efeito principal do suporte social total sobre a confiança paterna ($B = 0.09$, $SE = .05$, $p = .054$), assim como, não foi encontrado um efeito de interação significativo ($B = 0.02$, $SE = .05$, $p = .70$). Não parece assim existir um efeito moderador do suporte social global na relação entre a qualidade da coparentalidade e a confiança paterna, rejeitando a hipótese 2 proposta.

Análises Adicionais – Subescalas de Suporte

Dado o caráter multidimensional do suporte social, foram realizadas análises adicionais com o objetivo de avaliar se as diferentes fontes de suporte, suporte da família, amigos e outros significativos, apresentavam um efeito moderador na relação entre a qualidade da coparentalidade e a confiança paterna.

As fontes de suporte foram também analisadas de forma descritiva, tal como os dados iniciais, de maneira a verificar a sua normalidade e avaliar a presença de dados omissos, irregularidades e outliers significativos. A distribuição das variáveis foi examinada através dos indicadores de assimetria e curtose, apresentando normalidade adequada (Tabela 3).

Tabela 3

Estatísticas descritivas das variáveis das análises exploratórias

Variável	N	M	DP	Assimetria	Curtose
Suporte social de família	103	5.59	1.26	-1.15	1.29
Suporte social de amigos	103	5.46	1.27	-0.97	0.81
Suporte social de outros significativos	103	5.87	1.29	-1.34	1.04

Nota. M = média; DP = desvio padrão.

As análises que consideraram as variáveis de suporte de família [F(3,99) = 6.00, p < .001, com uma variância explicada de 15% (R^2 = .15)] e de amigos [F(3,99) = 8.52, p < .001, com uma variância explicada de 18% (R^2 = .18)] como moderadores demonstraram modelos globais significativos. No entanto, não encontraram efeitos principais sobre a confiança paterna (B = 0.02, SE = .03, p = .53; B = 0.06, SE = .04, p = .11, respetivamente) e também não evidenciaram efeitos de interação estatisticamente significativos (B = 0.02, SE = .04, p = .67; B = -0.07, SE = .04, p = .10, respetivamente).

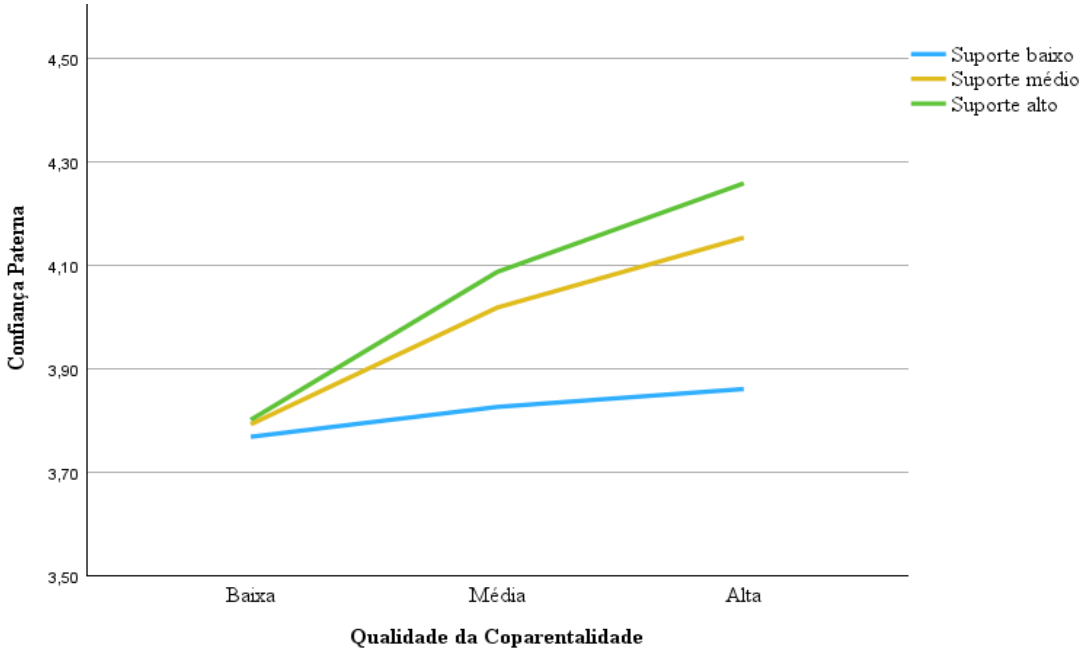
Contudo, ao analisar o efeito moderador do suporte social de outros significativos, verificou-se um modelo global significativo, [(3,99) = 8.88, p < .001 e uma variância explicada de 21% (R^2 = .21)], com um efeito principal sobre a confiança paterna (B = 0.08, SE = .04, p = .03), assim como um efeito de interação estatisticamente significativo (B = 0.08, SE = .04, p = .03), indicando que a associação entre a qualidade da coparentalidade e a confiança paterna varia em função do nível de suporte percebido proveniente de outros significativos.

Além disso, observou-se que a associação entre a qualidade da coparentalidade e a confiança paterna foi estatisticamente significativa e positiva para níveis médios (B = 0.24, SE = .07, p <.001) e elevados (B = 0.30, SE = .09, p <.001) de suporte social de outros

significativos, mas não para os níveis baixos de suporte (B = 0.06, SE = .08, p = .45). Estes resultados sugerem que níveis mais elevados de suporte social de outros significativos moderam, acentuando a relação já positiva entre a qualidade da coparentalidade e a confiança paterna (Figura 1).

Figura 1

Efeito moderador do suporte social de outros significativos na relação entre a qualidade da coparentalidade e confiança paterna



Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre a coparentalidade e a confiança paterna, bem como o papel moderador do suporte social nesta associação, numa amostra de pais aos três meses pós parto.

Primeiro, pretendia-se analisar a relação entre a qualidade da coparentalidade e a confiança paterna. Os resultados obtidos confirmaram a Hipótese 1, demonstrando que pais com níveis mais elevados de qualidade da coparentalidade relatam maior confiança para desempenhar o papel parental. Este resultado sugere que a confiança paterna não depende exclusivamente de características individuais, como o estado emocional do pai ou a personalidade, já evidenciado em investigações anteriores, mas também é influenciada pelo

contexto relacional entre os progenitores. Quando o pai perceciona que a parceira reconhece as suas competências, partilha as responsabilidades parentais e valoriza o seu envolvimento, poderá sentir-se mais competente e seguro nas tarefas do seu papel de pai.

Os resultados encontrados são consistentes com os de Pinto et al. (2016), que, numa amostra de pais portugueses, verificaram uma associação positiva entre a qualidade da coparentalidade e a autoeficácia parental, desde a gravidez. Apesar do suporte coparental não ter contribuído para um aumento significativo da autoeficácia ao longo do tempo nesse estudo, esteve associado a níveis iniciais mais elevados de confiança. Adicionalmente, Donithen e Schoppe-Sullivan (2022), no seu estudo longitudinal com pais primíparos, constataram que a qualidade da coparentalidade constituía um preditor significativo da autoeficácia paterna, mesmo quando controladas características individuais e demográficas, como a idade, a escolaridade e o nível socioeconómico. A qualidade da coparentalidade associou-se assim à maior confiança paterna, demonstrando o poder do contexto relacional no desenvolvimento da confiança no papel paterno.

Apesar da associação positiva entre a qualidade da coparentalidade, o suporte social não apresentou um efeito moderador significativo nesta relação, contrariando a nossa Hipótese 2. Este resultado indica que a associação entre a qualidade da coparentalidade e confiança paterna se manteve relativamente estável, independentemente dos níveis de suporte social total percebido pelos pais. A ausência de um efeito moderador do suporte social total poderá estar relacionada com o caráter multidimensional deste constructo. Ao considerar a escala total do suporte social, é possível que o peso das suas subescalas tenha sido diluído, não se manifestando num efeito de moderação significativo ao nível global. Efetivamente as análises de moderação adicionais que consideraram separadamente as três fontes de suporte avaliadas evidenciaram que o suporte de outros significativos apresentou um efeito moderador. Este resultado sugere assim que o suporte social poderá não ter um efeito homogéneo sobre a confiança paterna e que diferentes fontes de suporte poderão desempenhar funções distintas na experiência da paternidade.

No entanto, este efeito foi evidente apenas perante níveis médios ou elevados de suporte, contrariando a nossa previsão de um efeito compensatório. Conjeturava-se que, perante níveis baixos de coparentalidade, pais com níveis elevados de suporte social apresentariam níveis mais elevados de confiança paterna do que pais com menor suporte social. No entanto, os resultados verificaram que, independentemente do nível de suporte de outros significativos, homens com baixa qualidade da coparentalidade não evidenciaram diferenças significativas nos níveis de confiança. O efeito observado parece corresponder, não a um efeito compensatório, mas a um

efeito potenciador, pois a associação positiva entre a qualidade da coparentalidade e a confiança paterna torna-se significativa quando os pais possuem níveis moderados ou elevados de suporte proveniente de outros significativos. Desta forma, o suporte social proveniente de outros significativos parece reforçar o contexto de segurança e validação de uma relação coparental favorável, fortalecendo e consolidando a perceção de competência no papel parental, ao invés de compensar a ausência de uma relação coparental de qualidade.

O trabalho desenvolvido por Schoppe-Sullivan et al. (2016) pode ser útil na compreensão dos mecanismos subjacentes a estes resultados. Estes autores conceptualizaram a coparentalidade cooperante como uma fonte de segurança psicológica durante a transição para a parentalidade. De acordo com os autores, quando o pai não teme ser criticado ou desvalorizado pela parceira, este sentir-se-á mais seguro para explorar o seu novo papel parental. Os nossos resultados reforçam este mecanismo e salientam a preponderância da qualidade coparental como preditor da confiança paterna.

Adicionalmente, a ausência de um efeito moderador significativo para as subescalas tanto de suporte proveniente da família, como de suporte de amigos, sugere que as diferentes fontes de suporte informal podem não desempenhar a mesma função na relação entre a coparentalidade e a confiança paterna. Um estudo de Lee et al. (2013) sugere que os pais tendem a preferir fontes de apoio que percecionam como credíveis, fiáveis e capazes de compreender os desafios que experienciam na parentalidade. Assim, é possível que o suporte proveniente de outros significativos seja uma maior fonte de validação, proximidade e disponibilidade de orientação e de reconhecimento do pai enquanto cuidador, do que a família e os amigos.

Além disso, a relevância do suporte de pessoas significativas para o pai pode ser particularmente importante nos primeiros meses pós-parto. O início da transição para a parentalidade é particularmente desafiante para os pais, uma vez que estão a aprender a adaptar-se a um novo papel e a novas responsabilidades, bem como, a novas exigências que advêm do cuidado de um bebé. A revisão sistemática de Baldwin et al. (2018) demonstrou que os pais indicam uma maior necessidade de orientação e apoio durante esta fase, devido às dificuldades associadas à reorganização do sistema familiar e laboral. De modo semelhante, num estudo com pais e mães nos primeiros dias pós-parto, os homens relatam valorizar ser incluídos nos cuidados do bebé, receber validação e antecipar as exigências desta fase (Schobinger et al., 2022). Embora este estudo se centre, especialmente, em suporte formal, os seus resultados corroboram com a ideia de que, numa fase inicial da parentalidade, fontes relacionais que reconheçam e validem as necessidades e dificuldades dos pais podem ter um efeito benéfico na sua experiência de parentalidade. Deste modo, o suporte social de outros significativos, aos três

meses pós-parto, poderá contribuir para uma adaptação mais segura e confiante ao papel paterno, por complementar os recursos disponíveis na relação coparental.

Embora a literatura tenha destacado a importância do suporte social na parentalidade, a evidência do seu papel moderador é relativamente escassa, comparativamente ao estudo do seu papel direto ou mediador (Fierloos et al., 2023; Yang et al., 2020; Zheng & Gao, 2023). Os nossos resultados indicam sobretudo o suporte social como um preditor direto da confiança parental, sugerindo que este poderá estar associado à confiança parental sem impactar a relação entre a coparentalidade e a confiança. Ainda, alguns estudos têm mostrado a influência do suporte social na confiança paterna e na parentalidade através da mediação do capital psicológico (Haojie et al., 2024) e sintomas depressivos (Hogan et al., 2025). Assim, o suporte social poderá relacionar-se com a confiança paterna através de outras variáveis, como o desenvolvimento de recursos internos ou diminuição do stress associado às exigências da parentalidade. Desta forma, é possível que o suporte social esteja relacionado com a confiança paterna de forma direta ou indireta, em vez de se associar através de uma interação com a qualidade coparental como esperado neste estudo.

Contributos, Limitações e Estudos Futuros

O presente estudo contribui para uma compreensão mais aprofundada dos processos de adaptação à parentalidade, concretamente no contexto português e no período dos três meses pós-parto. Em primeiro lugar, destaca-se o foco específico da experiência dos pais, uma população que tem recebido menos atenção na investigação sobre parentalidade, comparativamente às mães. A utilização de uma amostra exclusivamente constituída por pais permitiu centrar a análise nos processos experienciados por estes na transição para a paternidade, contribuindo para um conhecimento mais alargado da vivência paterna durante uma fase inicial da parentalidade.

Em segundo lugar, o estudo contribui para o aprofundamento do conhecimento sobre os fatores associados à confiança paterna. Os resultados reforçam a importância de compreender esta dimensão, não apenas como uma característica individual do pai, mas também como uma variável influenciada pelo contexto relacional no qual a parentalidade é exercida. A qualidade da coparentalidade, quando pautada por apoio e valorização, revela-se mais favorável para o desenvolvimento da confiança paterna. Adicionalmente, apesar de o suporte social total não ter demonstrado um efeito moderador como esperado, as análises adicionais demonstraram que o suporte proveniente de outros significativos apresentou esse efeito, revelando que a fonte do

apoio poderá ser relevante para compreender a adaptação paterna. Assim, os resultados adicionais sugerem que o suporte social não deve ser analisado como um recurso homogéneo, uma vez que diferentes fontes de apoio poderão ter efeitos distintos na adaptação à parentalidade e na relação entre a coparentalidade e a confiança.

No que concerne às limitações encontradas, destaca-se a utilização da versão reduzida da ERC, que, tendo englobado apenas dois itens de cada dimensão da coparentalidade, limitou a precisão da avaliação da qualidade da coparentalidade nas suas dimensões, dificultando uma análise mais detalhada dos contributos específicos de cada dimensão para a confiança paterna.

Do mesmo modo, é importante interpretar os resultados com cautela, particularmente no que diz respeito à subescala de outros significativos da MSPSS. No questionário preenchido pelos pais, não é indicado que tipo de pessoa especial deveria ser considerada como "pessoa especial", assim não é possível identificar, a partir dos dados disponíveis, quem são as pessoas que constituem esta categoria. O autor da escala original define como aceitável nesta subescala a inclusão, entre outros possíveis, de: "namorado(a), companheiro(a), cônjuge, professor, padre ou religioso(a) e psicoterapeuta" (Carvalho et al., 2011, p. 348). Deste modo, é possível que os participantes tenham incluído a parceira neste tipo de suporte podendo, assim, haver uma sobreposição conceptual entre o suporte avaliado pela MSPSS e o suporte coparental considerado na ERC. Desta forma, parte do efeito observado poderá refletir o suporte recebido da parceira, funcionado quer como uma fonte de apoio social, quer de apoio coparental. Esta possibilidade é consistente com a literatura, uma vez que estudos recentes verificaram que o suporte da parceira foi uma das fontes de apoio mais procuradas e consideradas úteis pelo pais, como também foi encontrada uma associação positiva com a autoeficácia paterna (Campbell & Abidog, 2023; Sevigny et al., 2021).

Ainda, a recolha dos dados através de medidas de autorrelato pode constituir um fator de enviesamento por desejabilidade social das respostas. Por último, apesar de ser possível identificar associações entre as variáveis consideradas, o desenho transversal do estudo não permite inferir relações de causalidade entre a qualidade da coparentalidade, o suporte social e a confiança paterna ao longo do tempo.

Face a estas limitações, investigações futuras podem beneficiar de estudos longitudinais, com avaliações em diferentes momentos após o nascimento, permitindo avaliar a evolução da confiança paterna no decorrer da adaptação à parentalidade e perceber as relações entre a qualidade da coparentalidade e a confiança. A utilização da versão mais completa da ERC deverá ser também considerada para permitir uma avaliação mais abrangente e detalhada das dimensões da coparentalidade.

Relativamente ao suporte social, seria também importante identificar, de forma mais precisa, quem são as pessoas consideradas pelos pais como fontes principais de apoio, para além da parceira. A diferenciação entre o suporte proveniente da parceira, da família, dos amigos e de outros significativos, poderá contribuir para uma melhor compreensão da relevância de cada fonte de suporte em momentos diferentes da transição para a parentalidade. Globalmente, os resultados demonstram a relevância de aprofundar o estudo dos mecanismos adjacentes ao desenvolvimento da confiança paterna, destacando a relação coparental e o suporte social como dimensões relevantes para a adaptação dos pais à parentalidade. Efetivamente, o papel da relação coparental na confiança paterna foi evidente, pelo que as intervenções dirigidas aos pais nos primeiros meses de vida do bebé que promovam a cooperação, validação, apoio e divisão de cuidados da criança entre o casal poderão ser uma mais-valia para a promoção da adaptação parental. Para além disso, uma vez que os homens tendem a percecionar níveis inferiores de apoio, quer formal quer informal, nesta fase de transição, comparativamente às mães, será importante promover a sua inclusão nos estudos e nas intervenções dirigidas à adaptação à parentalidade.

Referências

Abbass-Dick, J., Stern, S. B., Nelson, L. E., Watson, W., & Dennis, C. L. (2015). Coparenting breastfeeding support and exclusive breastfeeding: a randomized controlled trial. *Pediatrics*, *135*(1), 102-110. http://dx.doi.org/10.1542/peds.2014-1416

Ali Ban Maan, N., Al Harrashi, S. M., Alburaih, H. B., Albeladi, F. M. A., Alfudhiekh, N. F., Aldawood, Z. M., Albasha, S. N., Alshakhs, Z. A., & Alanazi, A. F. S. (2025). The relationship between perceived social support and positive mental health: A review. *International Journal of Scientific Research and Innovative Studies*, *4*(6), 103–106. https://doi.org/10.63883/ijsrisjournal.v4i6.537

Altenburger, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., Lang, S. N., Bower, D. J., & Kamp Dush, C. M. (2014). Associations between prenatal coparenting behavior and observed coparenting behavior at 9-months postpartum. *Journal of Family Psychology*, *28*, 495–504. https://doi.org/ 10.1037/fam0000012

Angley, M., Divney, A., Magriples, U., & Kershaw, T. (2014). Social Support, Family Functioning and Parenting Competence in Adolescent Parents. *Maternal and Child Health Journal*, *19*(1), 67–73. https://doi.org/10.1007/s10995-014-1496-x

Ansari, N. S., Shah, J., Dennis, C., & Shah, P. S. (2021). Risk factors for postpartum depressive symptoms among fathers: A systematic review and meta-analysis. *Acta Obstetricia et Gynecologica Scandinavica, 100*(7), 1186–1199. Portico. https://doi.org/10.1111/aogs.14109

Bailey, J. (2015). Understanding contemporary fatherhood: Masculine care and the patriarchal deficit. *Families, Relationships and Societies, 4*(1), 3–17. https://doi.org/10.1332/204674314X14036152282447

Baldwin, S., Malone, M., Sandall, J., & Bick, D. (2018). Mental health and wellbeing during the transition to fatherhood: a systematic review of first time fathers' experiences. *JBI Evidence Synthesis*, *16*(11), 2118-2191. https://doi.org/10.11124/jbisrir-2017-003773

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. Macmillan.

Bandura, A., & Adams, N. E. (1977). Analysis of self-efficacy theory of behavioral change. *Cognitive Therapy and Research, 1*(4), 287–310.

Brown, G. L., Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., & Neff, C. (2010). Observed and reported supportive coparenting as predictors of infant–mother and infant–father

attachment security. *Early child development and care*, *180*(1-2), 121-137. https://doi.org/10.1080/03004430903415015

Cabrera, N. J., Volling, B. L., & Barr, R. (2018). Fathers Are Parents, Too! Widening the Lens on Parenting for Children's Development. *Child Development Perspectives*, *12*(3), 152–157. https://doi.org/10.1111/cdep.12275

Campbell C. G., & Abidog C.E. (2023). The Contribution of Relational Support to Parental Self-Efficacy in Fathers and Mothers. *Psychology & Psychological Research International Journal*, *8*(3). https://doi.org/10.23880/pprij-16000361

Carvalho S., Gouveia J. P., Pimentel P., Maia D., & Pereira J. M. (2011). Características Psicométricas da Versão Portuguesa da Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (Multidimensional Scale of Perceived Social Support - MSPSS). *Psychologica*, *54*, 331-357. https://doi.org/10.14195/1647-8606_54_13

Christie, J., Poulton, B. C., & Bunting, B. P. (2008). An integrated mid-range theory of postpartum family development: A guide for research and practice. *Journal of Advanced Nursing*, *61*(1), 38-50. https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2007.04464.x

Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1998). Self-Efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review, 18*(1), 47–85. https://doi.org/10.1006/drev.1997.0448

Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (1995). Interventions to ease the transition to parenthood: Why they are needed and what they can do. *Family relations*, 412-423.

Cutrona, C. E., & Troutman, B. R. (1986). Social support, infant temperament, and parenting self-efficacy: A mediational model of postpartum depression. *Child development*, *57*(6), 1507. https://doi.org/10.2307/1130428

deMontigny, F., Lacharité, C., & Devault, A. (2012). Transition to Fatherhood. *Advances in Nursing Science*, *35*(3), E11–E22. https://doi.org/10.1097/ans.0b013e3182626167

de Haan, A. D., Prinzie, P., & Deković, M. (2009). Mothers' and fathers' personality and parenting: The mediating role of sense of competence. *Developmental Psychology*, *45*(6), 1695–1707. https://doi.org/10.1037/a0016121

Donithen, R., & Schoppe-Sullivan, S. (2022). Correlates and predictors of parenting self-efficacy in new fathers. *Journal of Family Psychology*, *36*(3), 396–405. https://doi.org/10.1037/fam0000910

Fagan, J., & Lee, Y. (2014). Longitudinal associations among fathers' perception of coparenting, partner relationship quality, and paternal stress during early childhood. *Family process, 53*(1), 80-96. https://doi.org/10.1111/famp.12055

Fang, Y., Boelens, M., Windhorst, D. A., Raat, H., & van Grieken, A. (2021). Factors associated with parenting self-efficacy: A systematic review. *Journal of Advanced Nursing*, *77*(6), 2641–2661. https://doi.org/10.1111/jan.14767

Favez, N., Frascarolo, F., Scaiola, C., & Corboz-Warnery, A. (2013). Prenatal representations of family in parents and coparental interactions as predictors of triadic interactions during infancy. *Infant Mental Health Journal*, *34*(1), 25–36. https://doi.org/10.1002/imhj.21372

Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical child and family psychology review*, *5*(3), 173-195. https://doi.org/10.1023/A:1019695015110

Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, *3*(2), 95–131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01

Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A Multi-Domain Self-Report Measure of Coparenting. *Parenting*, *12*(1), 1–21. https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870

Feinberg, M. E., Jones, D. E., Hostetler, M. L., Roettger, M. E., Paul, I. M., & Ehrenthal, D. B. (2016). Couple-focused prevention at the transition to parenthood, a randomized trial: Effects on coparenting, parenting, family violence, and parent and child adjustment. *Prevention science, 17*(6), 751-764. https://doi.org/10.1007/s11121-016-0674-z

Fletcher, R., & StGeorge, J. (2011). Heading Into Fatherhood—Nervously: Support for Fathering From Online Dads. *Qualitative Health Research*, *21*(8), 1101–1114. https://doi.org/10.1177/1049732311404903

Fierloos, I. N., Windhorst, D. A., Fang, Y., Hosman, C. M. H., Jonkman, H., Crone, M. R., Jansen, W., & Raat, H. (2023). The association between perceived social support and parenting self-efficacy among parents of children aged 0–8 years. *BMC Public Health*, *23*(1). https://doi.org/10.1186/s12889-023-16710-8

Fierloos, I. N., Windhorst, D. A., Fang, Y., Jonkman, H., Crone, M. R., Hosman, C.M., Tan, S. S., Raat, H., & Raat, H. (2022). Socio-demographic characteristics as sociated with perceived social support among parents of children aged 0–7 years: The CIKEO study. *BMC Public Health*, 22(1). https://doi.org/10.1186/s12889022-14830-1

Gadoni-Costa, L. M., Frizzo, G. B., & Lopes, R. C. S. (2015). A guarda compartilhada na prática: Estudo de casos múltiplos. *Temas em Psicologia*, *23*(4), 901-912. https://doi.org/10.9788/TP2015.4-08

Garbarino J. (2017). *Children and families in the social environment: Modern applications of social work* (2nd ed.). Routledge.

Genesoni, L., & Tallandini, M. A. (2009). Men's psychological transition to fatherhood: an analysis of the literature, 1989–2008. *Birth*, *36*(4), 305-318. https://doi.org/10.1111/j.1523-536X.2009.00358.x

Haojie, Y. U. A. N., Yaping, Y. U. E., & Dandan, W. U. (2024). The Relationship between Social Support and the Parenting Sense of Competence of Preschoolers' Fathers: The Mediator Role of Psychological Capital. *Frontiers of Education in China*, *19*(1), 61. https://doi.org/10.3868/s110

Hayes, A. F. (2022). PROCESS macro for SPSS (Version 5.0) [Computer software]. www.processmacro.org

Hogan, E., Ronaghan, D., Cochrane, K., Romaniuk, A., Penner-Goeke, L., Gaulke, T., & Theule, J. (2025). The impact of social support: Fathers' depressive symptoms and parenting stress. *Journal of Family Issues*. *46*(6), 1028-1049. https://doi.org/10.1177/0192513X251322143

Hudson, D. B., Campbell-Grossman, C., Ofe Fleck, M. Elek, S. M., & Shipman, A. (2003). Effects Of The New Fathers Network On First-Time Fathers' Parenting Self-Efficacy And Parenting Satisfaction During The Transition To Parenthood. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing, 26*(4), 217–229. https://doi.org/10.1080/01460860390246687

Kuo, S.-C., Chen, Y.-S., Lin, K.-C., Lee, T.-Y., & Hsu, C.-H. (2009). Evaluating the effects of an Internet education programme on newborn care in Taiwan. *Journal of Clinical Nursing*, *18*(11), 1592-1601. http://doi.org/10.1111/j.1365-2702.2008.02732.x

Lamela, D., & Jongenelen, A. M. I. (2018). Validação psicométrica da Escala da Relação Coparental em mães portuguesas. *Avances en Psicología Latinoamericana*, *36*(3), 585-600. https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5564

Latham, R. M., Mark, K. M., & Oliver, B. R. (2018). Coparenting and children's disruptive behavior: Interacting processes for parenting sense of competence. *Journal of Family Psychology, 32*(1), 151–156. https://doi.org/10.1037/fam0000362

Lee, S. J., Neugut, T. B., Rosenblum, K. L., Tolman, R. M., Travis, W. J., & Walker, M. H. (2013). Sources of parenting support in early fatherhood: Perspectives of United States Air Force members. *Children and Youth Services Review*, *35*(5), 908–915. https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2013.02.012

Levy, R. A., & Kotelchuck, M. (2021). Fatherhood and reproductive health in the antenatal period: from men's voices to clinical practice. In G. G. Grau, M. L. H. Maestro, & H. R. Bowles (Eds.), *Engaged Fatherhood for Men, Families and Gender Equality: Healthcare, Social Policy, and Work Perspectives* (pp. 111-137). Springer Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-75645-1_6

Manuel J. I., Martinson M. L., Bledsoe-Mansori S. E., Bellamy J. L. (2012). The influence of stress and social support on depressive symptoms in mothers with young children. *Social Science & Medicine*, *75*(11), 2013–2020. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2012.07.034

McClain, L., & Brown, S. L. (2017). The roles of fathers' involvement and coparenting in relationship quality among cohabiting and married parents. *Sex roles*, *76*(5), 334-345. https://doi.org/10.1007/s11199-016-0612-3

Melrose, K. L., Brown, G. D., & Wood, A. M. (2015). When is received social support related to perceived support and well-being? When it is needed. *Personality and individual differences*, *77*, 97-105. https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.12.047

Nazaré, B., Fonseca, A., & Canavarro, M. C. (2013). Questionário de Confiança Parental: Análise fatorial confirmatória numa amostra comunitária de casais. *Psicologia, Saúde e Doenças*, *14*(1), 23-37.

Nyström K, & Öhrling K. (2004). Parenthood experiences during the child's first year: Literature review, *Journal of Advanced Nursing. 46*(3), 319-330. https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2004.02991.x

Pinto, T. M., Figueiredo, B., Pinheiro, L. L., & Canário, C. (2016). Fathers' parenting self-efficacy during the transition to parenthood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, *34*(4), 343–355. https://doi.org/10.1080/02646838.2016.1178853

Refaeli, L. B., Rodrigues, M., Neaman, A., Bertele, N., Ziv, Y., Talmon, A., & Enav, Y. (2024). Supporting the transition to parenthood: a systematic review of empirical studies on emotional and psychological interventions for first-time parents. *Patient Education and Counseling*, *120*, 108090. https://doi.org/10.1016/j.pec.2023.108090

Riggs, D. W., Worth, A., & Bartholomaeus, C. (2018). The transition to parenthood for Australian heterosexual couples: expectations, experiences and the partner relationship. *BMC pregnancy and childbirth*, *18*, 342. https://doi.org/10.1186/s12884-018-1985-9

Rominov, H., Giallo, R., & Whelan, T. A. (2016). Fathers' postnatal distress, parenting self-efficacy, later parenting behavior, and children's emotional-behavioral functioning: A

longitudinal study. *Journal of Family Psychology, 30*(8), 907–917. https://doi.org/10.1037/fam0000216

Rominov, H., Giallo, R., Pilkington, P. D., & Whelan, T. A. (2018). "Getting help for yourself is a way of helping your baby": Fathers' experiences of support for mental health and parenting in the perinatal period. *Psychology of Men and Masculinity*, *19*(3), 457–468. https://doi.org/10.1037/men0000103

Schmidt, B., Arenhart, V. S., Lopes, R. D. C. S., & Piccinini, C. A. (2019). Coparentalidade aos três meses de vida do bebê. *Psico*, *50*(1), e28043. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.1.28043

Schobinger, E., Vanetti, M., Ramelet, A. S., & Horsch, A. (2022). Social support needs of first-time parents in the early-postpartum period: A qualitative study. *Frontiers in Psychiatry, 13*(13). https://doi.org/10.3389/fpsyt.2022.1043990

Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., Cannon, E. A., Mangelsdorf, S. C., & Sokolowski, M. S. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *Journal of family psychology*, *22*(3), 389-398. https://doi.org/10.1037/0893-3200.22.3.389

Schoppe-Sullivan, S. J., Settle, T., Lee, J. K., & Dush, C. M. K. (2016). Supportive coparenting relationships as a haven of psychological safety at the transition to parenthood. *Research in Human Development, 13*(1), 32-48. https://doi.org/10.1080/15427609.2016.1141281

Schuengel, C., & Oosterman, M. (2019). Parenting self-efficacy. In Bornstein, M. H. (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (3rd ed. Vol. 3, pp. 654–680). Routledge/Taylor & Francis Group.

Sevigny, P. R., Loutzenhiser, L., & Oriet, C. (2021). Canadian fathers' preferences for support during the transition to fatherhood. *Canadian Journal of Community Mental Health*, *40*(2), 49-70. https://doi.org/10.7870/cjcmh-2021-011

Solmeyer, A. R., & Feinberg, M. E. (2011). Mother and father adjustment during early parenthood: The roles of infant temperament and coparenting relationship quality. *Infant Behavior and Development*, *34*(4), 504–514. https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2011.07.006

Tavares, I. D. M. V. T. (2025). *A saúde mental paterna e a qualidade da coparentalidade em pais de crianças em idade pré-escolar: O papel mediador da auto-eficácia parental*. [Tese de doutoramento, ISCTE]. Repositorio ISCTE IUL. https://repositorio.iscte-iul.pt/server/api/core/bitstreams/d17c1428-0a1c-4ebb-8311-1ab52c878355/content

Trahan, M. H. (2018). Paternal self-efficacy and father involvement: A bi-directional relationship. *Psychology of Men & Masculinity*, *19*(4), 624-634. https://doi.org/10.1037/men0000130

Tremblay, S., & Pierce, T. (2011). Perceptions of fatherhood: Longitudinal reciprocal associations within the couple. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement, 43*(2), 99–110. https://doi.org/10.1037/a0022635

Xavier, J. F., Khanlou, N., Nielsen, L. S., & Moradian, S. (2024). Enhancing Paternal Support: A Concept Analysis of Social Support for First-Time Fathers. *Nursing Forum*, *2024*, 1-11. https://doi.org/10.1155/2024/2803795

Yang, X., Ke, S., & Gao, L. L. (2020). Social support, parental role competence and satisfaction among Chinese mothers and fathers in the early postpartum period: A cross-sectional study. *Women and Birth*, *33*(3), e280-e285. https://doi.org/10.1016/j.wombi.2019.06.009

Zheng, J., & Gao, L. L. (2023). Parenting self-efficacy and social support among parents in mainland China across the first six months postpartum: A prospective cohort study. *Midwifery*, *123*, 103719. https://doi.org/10.1016/j.midw.2023.103719

Zheng, X., Morrell, J., & Watts, K. (2018). A quantitative longitudinal study to explore factors which influence maternal self-efficacy among Chinese primiparous women during the initial postpartum period. *Midwifery*, *59*, 39-46. https://doi.org/10.1016/j.midw.2017.12.022

Anexos

Anexo 1 – Parecer da Comissão de Ética do ISPA

Comissão de Ética de Investigação
ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida
Rua Jardim do Tabaco, 34,
1149-041 Lisboa
Telefone: (351) 218 811 700
Fax: (351) 218 860 954

COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER – Ref.ª D-071-10-23

Título do projeto: Understanding parental stress in transition to parenthood: a dyadic longitudinal approach to foster mother's wellbeing.

Investigador responsável: Dora Duarte (Orientação: Eva Diniz)

Instituição/Curso: ISPA – Instituto Universitário

O protocolo do estudo apresenta objetivos relevantes. Foram descritos adequadamente os métodos e procedimentos a adotar e estes respeitam os direitos humanos e as recomendações constantes nos documentos nacionais e internacionais relativos à ética em investigação.

Assim, o parecer da Comissão de Ética do ISPA-Instituto Universitário é favorável à realização do estudo em epígrafe.

Qualquer alteração futura aos procedimentos descritos do estudo que possam colidir com os critérios éticos de investigação com seres humanos ou animais não humanos constantes nos referidos regulamentos, exigem uma reapresentação do pedido de apreciação a esta Comissão.

Comissão Ética do ISPA – Instituto Universitário

(Assinatura P'lo Presidente da CE)

Lisboa, 13 de outubro de 2023.